

O Vírus, a Cultura e o Futuro

José Jorge Letria

FOTOGRAFIAS · Jaime Serôdio

**Fernando Rosas · José de Guimarães · Mário de Carvalho ·
António Victorino d'Almeida · Carlos Fiolhais · Rui Vieira Nery ·
José Manuel Castanheira · Mário Vieira de Carvalho ·
Lídia Jorge · Mário Mesquita · Nicolau Santos · Olga Roriz ·
Álvaro Cassuto · José Barata-Moura · José Pacheco Pereira ·
Fernando Tordo · Jorge Paixão da Costa**

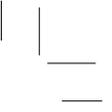
SPAUTORES
SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

GUERRA & PAZ



Índice

O VÍRUS QUE NÃO POUPOU A CULTURA E AS ARTES E PROVOCOU UMA CONVULSÃO PLANETÁRIA.	9
Fernando Rosas	17
José de Guimarães	29
Mário de Carvalho.	39
António Victorino d’Almeida.	47
Carlos Fiolhais.	55
Rui Vieira Nery	69
José Manuel Castanheira	81
Mário Vieira de Carvalho	89
Lídia Jorge	97
Mário Mesquita	107
Nicolau Santos.	119
Olga Roriz	129
Álvaro Cassuto.	137
José Barata-Moura	147
José Pacheco Pereira	155
Fernando Tordo	165
Jorge Paixão da Costa	175



O vírus que não poupou a cultura e as artes e provocou uma convulsão planetária

É um acontecimento que marca uma época, que assinala um antes e um depois. Que já mudou o século xx e até a maneira de vê-lo. Entre desorientação e perplexidade, muitos repetem que é «sem precedentes». E é correcto designar assim a pandemia global desencadeada pelo coronavírus. Um acontecimento, como sabemos, nunca é um «unicum» simplesmente porque se insere na trama da história. No entanto, neste caso, as comparações com os acontecimentos do passado, mesmo o recente, são pouco entoadas, pouco estridentes.

DONATELLA DI CESARE

Vírus Soberano? – A Asfixia Capitalista (Edições 70)

Quando agredimos a natureza ela defende-se. São as leis do universo. Admite-se que a mutação genética tenha nascido no mercado de Wuban. [...] A natureza tem regras naturais e imutáveis. Esta é uma situação de ruptura por um comportamento inconcebível, que se traduziu nisto. E estava previsto.

LUÍS PORTELA

Inesperado, invasivo e brutal, o fenómeno pandémico veio mudar em muitos aspectos as nossas vidas. E ainda só vimos uma parcela desta inquietante realidade. O que aconteceu em 1918-1919 foi igualmente violento e letal, mas tem um século de história e a limitação resultante do facto de o mundo de então não ser tão global e mediático como o de hoje.

Para além da chamada gripe espanhola – que de espanhola pouco tinha –, houve o flagelo da morte de centenas de milhares de homens

nas trincheiras da I Guerra Mundial. Outros, que não eram militares, como Amadeo de Souza-Cardoso ou Santa-Rita Pintor, entraram na lista das vítimas da pandemia.

A actual, vinda do coração da China, com raízes identificadas no mercado de Wuhan, esvaziou os estádios de futebol e os recintos de várias religiões, deixou milhões de pessoas em teletrabalho, mudou os nossos hábitos de transporte, de convívio e até de alimentação, condenando a um prolongado e devastador estado de penúria e incerteza todo o sector da cultura e das artes, que, mesmo com o suporte transitório da solidariedade governamental e associativa, não imagina o que virá a ser a sua vida.

Sem vacina aprovada e aplicada, prevalecem o medo e a imprevisibilidade geral. As pessoas, numa legítima e prolongada atitude defensiva, ficam em casa, penando na vida, vendo televisão e consumindo as ofertas provenientes das tecnologias mais avançadas. Mas os autores e os artistas perceberam que, na realidade e para sobressalto de quase todos, a natureza não é nossa amiga, e não perdoa.

Pagamos hoje, à escala global, a pesada factura física das agressões ao ambiente que tornaram a Terra cada vez menos habitável, que derreteram superfícies geladas e deixaram os animais desorientados por nem sequer conseguirem perceber o que se passa na vida e no espírito dos seres humanos, senhores da vida terrestre como milhões de anos antes foram os dinossáurios.

As salas de espectáculos continuam fechadas, os festivais foram cancelados, a sustentabilidade de milhões de postos de trabalho foi posta em causa e a capacidade de resposta dos serviços públicos foi afectada, mostrando a pandemia que os seus ombros são largos ao ponto de todos afirmarem até à exaustão e à náusea que é e continua a ser culpa sua.

Institucionalizado o uso da vacina, que terá de se sobrepor às guerras resultantes dos nacionalismos dos ferozes interesses comerciais, veremos quanto tempo terá de passar até encontrarmos aquilo a que por mera comodidade de designação teimamos em chamar «normalidade», mesmo sabendo que a verdadeira normalidade é algo que não está e que dificilmente voltará a estar ao nosso alcance.

Muito tempo passará até conseguirmos sentir, de máscara disciplinadamente ajustada ao rosto, que aquilo que fazemos somos nós a reencontrar os outros e a procurar nos abraços, beijos e outras formas de contacto e partilha o que nos equilibra e preenche.

As crianças e os jovens terão também de se reencontrar, depois de terem ficado a estudar em casa, com suporte televisivo, e de terem aprendido a ler na expressão visual a aprovação ou a condenação dos seus normais actos e gestos quotidianos.

Muito teremos de aprender e descobrir até conseguirmos respirar livremente, tentando manter à distância o fantasma viral que tanto condiciona as nossas vidas e que, na horas extremas, deixou as cidades vazias e os sonhos dolorosamente adiados – ou mesmo cancelados, já que a pandemia, como sublinhou George Soros, veio institucionalizar uma «cultura do cancelamento».

Escreveram-se livros sobre o assunto e muitos outros serão escritos, porque este flagelo deixou muito para contar e outro tanto para descobrir, dentro e fora de todos nós.

O filósofo e ensaísta francês Bernard-Henri Lévy escreveu em *Este Vírus Que Nos Enlouquece* (Ed. Guerra e Paz):

Vimos os mais ousados temperamentos a paralisar-se subitamente.

Ouvimos intelectuais, que assistiram a outras guerras, assumir a retórica do inimigo invisível, dos combatentes de primeira e segunda linha, da guerra sanitária total. [...]

Vimos as cidades do mundo a transformarem-se em cidades-fantasma, com as suas avenidas mudas como estradas rurais, onde os dias, como disse Hugo, são como as noites.

E enquanto a noite nos fustiga e perdura, vemos também a vida política a transformar-se, movida pela persistente e perigosa tendência para limitar liberdades e pôr termo a formas isentas de escrutínio. Sabemos que haverá vida e Terra depois de tudo isto, mas também sabemos que a factura estrutural vai ser pesada e difícil de pagar, porque as cicatrizes levarão muito tempo a sarar e porque não fomos feitos para viver o sorriso, o grito e a raiva adiados atrás do pano limpo e sempre lavável das máscaras protectoras.

Este livro reúne as entrevistas feitas durante cerca de três meses no Auditório Maestro Frederico de Freitas, na Sociedade Portuguesa de Autores, a algumas das mais representativas figuras da vida cultural e artística portuguesa, de diversas áreas e com formas distintas de sentir e pensar. Todas responderam a duas perguntas centrais: de que forma a pandemia afectou a sua vida e o seu trabalho? E, apesar da

imprevisibilidade, como consideraram que devia ser a vida depois do medo pandémico estar ultrapassado?

Falou-se com franqueza, serenidade, sentido de humor, combatividade e com a esperança possível, todos tendo reconhecido a importância que a cooperativa dos autores portugueses, também a reflectir sobre o seu futuro, assume e representa neste penoso contexto. Os nomes por mim escolhidos para esta série de diálogos são um estimulante painel que proporcionará aos leitores a oportunidade de reflectirem sobre a vida e o trabalho, em luta contra esta prolongada adversidade.

No seu breve e muito recente ensaio, Donatella Di Cesare formula uma pergunta para a qual propõe uma resposta certa e luminosa, pelas muitas questões que levanta:

É o temível incidente do futuro? Qualquer diagnóstico seria apressado. No entanto, somos levados a acreditar que não é um infortúnio, um contratempo, um episódio periférico, mas antes um acontecimento fatal que irrompe no coração do sistema. Não é apenas uma crise, mas uma catástrofe em câmara lenta. O vírus parou o dispositivo. O que vemos é uma convulsão planetária, o espasmo produzido pela virulência febril, a aceleração como um fim em si mesmo, que inexoravelmente atingiu o ponto de inércia. É uma tetanização do mundo.

Será, pergunto eu, que estamos mesmo a viver uma convulsão planetária com imprevisíveis consequências para o mundo e para a vida na Terra, que os erros e excessos humanos, sempre desnorteantes e multiplicados, têm tornado cada vez menos habitável, menos segura e equilibrada do ponto de vista ambiental? Também por isso se pode e deve dizer que a natureza não perdoa porque, para nosso infortúnio, não existe para esquecer.

Disse um dia o dramaturgo grego Sófocles que «aquilo que invade e muda a nossa vida também traz consigo uma maldição». Essa maldição é representada pela ansiedade, pela incerteza e, em muitos casos, pela depressão que resultam de não sabermos o que nos espera depois de dobrada a esquina.

De tudo falámos nestas conversas entre autores, que irão ficar como testemunho intenso e vivido deste tempo inquieto. A todos agradeço a disponibilidade e o interesse que permitiram fazer deste livro um retrato

interrogativo e livre sobre a cultura e as artes em Portugal em tempo de pandemia e de inevitável mudança de prioridades e hábitos.

Que a maldição, bem vistas as coisas, nunca represente, caso exista de facto, a nossa perda, porque a cultura sempre nos engrandece, completa e liberta.

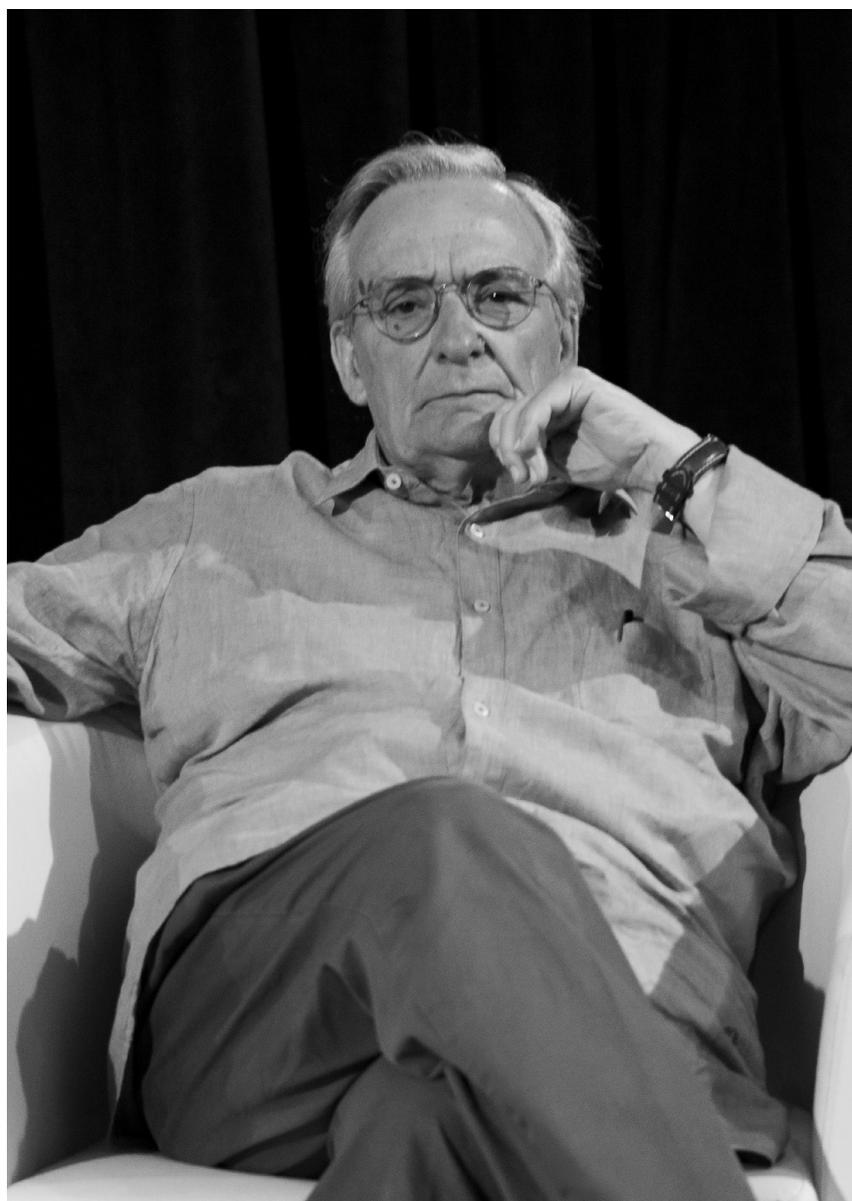
Lisboa, Setembro de 2020

José Jorge Letria









FERNANDO ROSAS

30 de Junho de 2020

Professor catedrático emérito jubilado de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa, Fernando Rosas foi preso pela PIDE antes do 25 de Abril, e de novo preso, após a recuperação da democracia, devido à sua ligação e responsabilidade política no MRPP. Tem uma vasta obra ensaística, com especial incidência nos anos da Primeira República e da história do Estado Novo.

Foi um dos fundadores e principais dirigentes do Bloco de Esquerda. Foi candidato à Presidência da República.

É um analista frequente da situação política portuguesa, continuando a produzir uma obra historiográfica de referência para leitores de várias gerações.

Conhece bem as circunstâncias sociais, políticas e históricas em que a chamada gripe espanhola, em 1918-1919, atingiu Portugal e o mundo.

JJL – Vamos conversar sobre a situação que estamos a viver em Portugal e no mundo. Uma situação que não é nova no mundo, mas é nova para nós, que nos coloca muitos desafios, muitas questões, muitas urgências de reflexão.

A questão que te coloco como ponto de partida deste nosso diálogo é: o que representa esta pandemia para nós, autores, cidadãos combativos e empenhados na transformação do país para melhor, com todas as implicações que isto tem também no sector laboral, dos direitos do trabalho e outros? Como vês o momento presente e como imaginas que o podemos ultrapassar, em relação ao que virá a seguir? Obviamente alguma coisa virá a seguir – como veio depois da peste, do tifo... Vieram sempre outras realidades depois dos surtos pandémicos. O que achas que vai acontecer? A palavra e o tempo são teus.

FR – Obrigado, Zé Jorge, muito obrigado pelo convite. A pandemia da covid-19 veio ilustrar de forma muito dramática o mundo de profundas desigualdades que o capitalismo global e o neoliberalismo instalaram nas sociedades. Ao princípio dizia-se que o vírus tinha um efeito horizontal na sociedade: era igual para todos. Mas hoje, até por experiência própria em Portugal, estamos a perceber que não é igual para todos, ou seja, o confinamento com segurança só pode fazê-lo quem pode. O ensino à distância só é válido para quem tem um computador em casa, ou dois, no caso de haver vários filhos, ou se os pais também trabalham em casa. E quem não tem carro, e tem de ir trabalhar todos os dias, tem de apanhar transportes públicos que, por razões estruturais, não asseguram a segurança às pessoas que têm de ir trabalhar todos os dias porque senão não comem. E como faz confinamento quem

trabalha na construção civil, ou mesmo no mundo rural, e depois vai para dormitórios apinhados ou casas exíguas e sem condições com famílias numerosas? A covid-19 veio ilustrar um mundo de profunda desigualdade social e económica em que nós vivemos. Mas veio ilustrar outra coisa ainda mais sinistra. Uma parte dos poderes instalados no mundo, perante a pandemia, teve o raciocínio de que as pessoas podiam morrer porque eram velhas, porque não interessavam à economia, porque isso até aumentava a capacidade de resistência da sociedade. Isto transformou-se numa verdadeira catástrofe de mortandade em países como os Estados Unidos, ou o Brasil, onde a atitude de um Trump ou de um Bolsonaro roça o crime contra a humanidade: «Que morram os velhos e os pobres mas a economia tem de funcionar.» É claro que temos de nos esforçar para que as economias funcionem, mas com respeito pela vida humana, pelos direitos das pessoas.

Portanto, a pandemia veio ilustrar não só as contradições sociais como a emergência do mundo inquietante e impiedoso da ganância neoliberal. Não foi só nos Estados Unidos ou no Brasil, foi também na Inglaterra de Boris Johnson, que começou com esse tipo de política, e, quando as mortes subiram dramaticamente, eles travaram. Mas a lógica era a mesma: a economia prevalece sobre a segurança sanitária. Eu já não falo da Índia do senhor Modi ou das Filipinas do outro que manda a polícia matar os traficantes de droga. A pandemia revelou um mundo de profundas desigualdades e um mundo onde está a emergir uma nova forma de autoritarismo ligado ao negócio, ligado ao lucro, ligado ao mercado, que não hesita em sacrificar os mais fracos em nome da lógica da acumulação e do lucro. O vírus veio evidenciar uma sociedade de profunda desigualdade e de inquietantes tendências antidemocráticas. Para impor este tipo de soluções, foi necessário recorrer, por vezes, a medidas excepcionais. E as medidas excepcionais, em países como a Hungria do senhor Orbán, foram silenciar a imprensa, ou, na Polónia, acabar com a independência dos tribunais.

JJL – Nós apanhámos dois estados de emergência, o anterior, de 1975, bem presente na nossa memória, e este.

FR – Os estados de emergência são coisas muito inquietantes – mesmo em Portugal onde, desse ponto de vista, as coisas correram bem porque também há uma vigilância política e uma vigilância social. Mas acho muito problemático, num estado de emergência, por exemplo, suspender-se o direito à greve. Há coisas onde não se deve mexer. Ninguém